

AVANTE!

PUBLICAÇÃO MENSAL DA CLASSE VIOLETA

ANO I Campanha, 4 de Junho de 1944 N. 1		
Redatoras : Altafr Carneiro Lúcia Almeida	Diretora : Maria Eugênia Prazeres	Redatoras : M. Teresa Melo M. Alice Barros

*"Angêlicamente Puras... Eucaristicamente Piedosas...
Apostolicamente Ativas... ..deve ser o vosso programa"*
PIO XI

"Avante!"

Colegas! O jornalzinho que acabamos de fundar constituirá em nossa vida futura uma lembrança! Lembrança do tempo feliz que passamos em Sion! E, quando abatidas pelos reveses da vida e pelo vácuo do mundanismo, volvermos o olhar para a coleção do «Avante!», certamente viveremos minutos de paz e felicidade. Minutos em que nos dedicamos de corpo e alma ao progresso de nosso Brasil. Pois, a pátria estremecida, confia não só na força das armas mas também na força do espírito e do coração. A beleza de um país não está exclusivamente na natureza exuberante, mas ainda na História, na Literatura, nas Tradições. As tradições de um povo traçam-lhe a norma de felicidade. Olhemos o Brasil. Na Amazonia, correm lendas de Iáras, nos Pampas o Generoso vai de boca em boca. Os pernambucanos se ufanam do seu passado, os baianos de sua fé, os fluminenses de suas maravilhas, São Paulo do labor, Minas da família.

E, se não nos cumpre, colegas queridas, ir abri-

lhandando a fileira de nos-

Colegas! Avante! Seja o Brasil servido com todo o ardor de nossa alma entusiasta, neste recinto abençoado e calmo. Lembremos, que ser jovem é ter um espírito que calcula e um coração que jamais calcula. Todas nós temos coração imenso... Vamos, pois, acolher com generosidade o apelo que ora fazemos em nome do «Avante!».

Uma campanha patriótica, literária, eis o progra-

ma do jornalzinho que hoje aparece. Instrução, ilustração, aumento de amor pelo Brasil, eis sua meta. Mas... antes da Pátria está Deus, pois o dever é a vontade expressa de Deus. Agora, aproveitando o tempo precioso de nossa formação moral, adquiriremos vontade energética, inteligência esclarecida, sensibilidade equilibrada, e assim serviremos também o Brasil, pois nossa terra precisa de caracteres e personalidades para livrá-lo da ruína fatal.

Guardai, queridas irmãzinhas o que vos ensina o «Avante»!

Mariângela Capistrano

Uma Visita de Nossa Senhora

Augusta de Freitas

Nossa Senhora quis visitar a terra, ó visão tremenda: eis o quadro que se lhe apresentou: guerras, atrocidades, mundanismos. Foi-se o tempo em que a grande preocupação era viver integralmente, «viver para Deus, viver para a Pátria e viver para a Família!»

Agora bradam fortemente: abaixo o tradicionalismo, viva o modernismo. Existe avassalador modernismo em toda parte. E a Virgem, triste, decepcionada, percorreu a Europa e depois chegou ao Brasil. Pobre Brasil! disse. Estás prestes a cair no abismo profundo da mais bárbara imoralidade. Teve saudades da sua última visita a este país. Imperava outro regime social, a vida de família era então a glória da nação. Tempo em que um Joaquim Nabuco pôde dizer: «No meio de todas as vicissitudes morais o Brasil pode orgulhar-se de uma quase perfeição! Sua mulher. Fiz, porém, desaparecer a Religião em torno dela e ao lado dela o fogo irá perdendo o calor que concentra».

A Virgem desejou voltar ao céu, contudo seus olhos voltaram-se para um recinto abençoado. Aproximou-se. Encantada contemplou o riacho que corre de mansinho entre as alamedas, apresentando de distância em distância,

pequenas cachoeiras. Penetrou na primeira avenida. Na extremidade, uma religiosa rezava o offício. Nossa Senhora passou por ela e sorriu... Estava num convento? Mas, à vista da rede de «volley ball» mudou de opinião. E' um colégio... e ansiosa por saber se ali se lembravam dela e de Jesus, continuou o caminho... As «Vermelhinhas» brincavam. Uma delas, num canto, chorava... lembrando-se, porém, que estava no mês de Maria, saiu a correr. A transformação se dera por causa do olhar de Maria.

Nossa Senhora guardava em seu coração as vermelhinhas. Começou a subir a escada, parecia ir para o céu. Será por acaso um paraíso na terra este colégio?

Entrou na classe Azul-Claro. Avistou uma lâmpadazinha aos pés de sua imagem. Alegria imensa invadiu-lhe a alma. Compreendeu logo o que significava. Ali era amada. Esteve meia hora entre as Claritas, e saiu consolada.

— Que classe numerosa! olhou para cada uma e amente encarcerados, suspiravam pela liberdade. Pobrezinhos! Mas, mesmo prisioneiros fizeram alguma coisa por mim, tenho certeza. Benditas as queridas «Azul-Escura», todas me amam. — Mais Claritas!... assim disse entrando na classe de Mere Penha. Mas que encanto! Como estudam conscienciosamente! Aqui sou a estrela de cada uma. O' Claritas, debaixo de meu manto levá-las-ei ao céu.

Ao partir encontrou-se com gentil Amarelinha e a acompanhou. Pelo caminho sorriu para Anchieta e Santa Teresinha.

Na realidade era quase uma reprodução do paraíso a Sion de Campanha. E repetia sem cessar «é um paraíso».

Foi à carteira da Mestra.

— Minhas filhas, as Amarelinhas, teem feito alguma coisa por mim neste mês? Pela atitude da Virgem via-se que estava contente com as pequeninas, atirou beijos para cada uma e saiu radiante. Uma visita à Classe Verde... Ao entrar ouviu: «Júlia fique quietinha, estamos no mês de Maria». Nossa Senhora sentia-se feliz. Era amada também das Verdinhas. Continuou a visita... as belezas de Sion eram tantas. Dirigiu-se à Classe Multicor... ah! me lembro, alguém me pediu uma benção especial para elas... estudavam o catecismo... matéria difícil na terra. Mas lembrem-se que tudo é uma delícia no céu, prometo-lhes dizer a meu Filho: «Olha para as tuas Multicores».

Eis a Virgem na Capela. Lá possui um trono, com o seu Jesus. As Irmãs rezavam as Vésperas. Dirigiu-se à «No-

tre Mere» e cheia de maternal ternura, falou-lhe alguma coisa, e o mesmo fez com as outras Irmãs; o que disse... Segredo?

Depois andou todo o colégio.

— Com que cuidado as Mestras tratam as meninas, tudo tão arranjadinho, tudo contribuindo para a beleza de Sion.

Encontrou-se no corredor com uma listada. Ainda tenho, disse, de visitar duas classes importantes!... As Listadas residindo perto da Capela, certo estão muito fervorosas, pois são abraçadas no amor sagrado de meu Deus...

E entrou na classe, viu cadernetinhas, capas de nacro-laque, lãs... tudo para as Missões. Regosijou-se deveras e prometeu-lhe a graça da perseverança final.

Nossa Senhora esteve na portaria, conversou com So-eur Analeta e foi ver a frente da casa. Como estava bonita! Por aqui há gratidão, o mundo não está completamente perdido. Sion é a arca de Noé que o salvará das ondas do paganismo.

E uma fôrça imensa conduziu a Virgem à Classe Santa Maria.

Sentiu-se então numa atmosfera celeste, acha-se num jardim imenso, todo florido, cada flôr exalando um perfume delicioso! Ali Nossa Senhora é amada com particular ternura.

Visita ao Museu de Campanha

Com que alegria, ao chegarmos à Classe, pela manhã do dia 13 de Maio, nos foi anunciada uma visita ao Muséu.

Radianes partimos acompanhadas. E que importância a nossa: «Notre Mere» nos deu o prazer de sua presença querida.

Aves, insetos e animais cuidadosamente empalhados lá foram o objeto de nosso exame minucioso; assim como os objetos de antiguidade: moedas, vasos de porcelana, medalhas de ouro, paramentos e alfaias. Quanta coisa não aprendemos!... Lá estavam, como a relembrar a página negra de nossa história, os grilhões e instrumentos de suplicio dos escravos.

Lá estavam, em compensação, para relembrar nossos páginas gloriosas, o retrato de D. Isabel a Redentora; de D. Pedro I, o grande libertador de nossa terra.

Pôde também a reliquia histórica de Campanha, nos atestar a estadia honrosa do grande regente Diogo Antônio Feijó, conservando a casula, rica, toda bordada de ouro, que lhe serviu para a celebração do Santo Sacrifício da Missa.

Menos ricos não foram os paramentos do D.D. Bispo D. Ferrão, cujo nome está

bem gravado nos corações de todos os diocesanos. Preciosos são os objetos que lhe serviram durante a vida.

Chicaras de ouro, vasos sagrados, generosa oferta dos mineiros; tudo bem digno da zona do Sul de Minas, onde o ouro sempre constituiu principal riqueza.

Entre as obras digna de apreciação podemos enumerar aqui, os quadros pintados pelo saudoso Fr. Luiz Artur Fonseca a quem devemos grande gratidão pelo interesse constante que sempre nos dedicou durante o tempo que aqui esteve. Ainda, quadros e instrumentos históricos, coleções de estátuas feitas por brasileiros de renome constituem o muséu desta cidade.

E todos os visitantes de Campanha ficam maravilhados de ver como conseguiram tanta variedade de assunto histórico; e... creem mesmo que a cidade ainda tem a intellectualidade de seus antepassados; pois todos sabemos que foi um foco de vida cultural. De seu meio surgiu Vital Brasil, que fez honra a sua terra; e ao ser recebido no Instituto Histórico Brasileiro disse:

—«Nos horizontes de minha terra natal, diviso muitos assuntos da História Brasileira.

Marta de Sousa Campos

Coluna Infantil

Campeonato de Corrida e Salto

Nós as Vermelhinhas fizemos um campeonato de salto de extensão e de corrida. Estava bom mesmo! Corremos duas a duas, trinta metros. A campeã de salto foi Maria Helena Bezerra. As de corrida foram Mari-lena B. Bacha e Maria Helena Bezerra.

Marialva Bacha — 7 anos 1.º ano Primário

O Lobo entre as Ovelhas

O lobo revestiu-se da pele de cordeiro. Todos os dias comia uma ovelhinha. Ninguém acha o ladrão. O pastor quis descobri-lo, e por isso no momento de recolher as ovelhas ao aprisco, ia batendo com a vara em cada uma; todas continuavam mansinhas. E chegou a vez do lobo, este com os dentes aguçados, investiu contra o pastor dando uivos. O pastor gritou: «Eu bem sabia que a sua maldade o denunciaria». E matou o lobo.

Lair Dinis Ribeiro — 3.º ano Primário

Nossa Senhora e os Passarinhos Azuis

Quantas vezes, durante o dia, se voltam nossos olhares, para aquele cantinho risonho de nossa classe! Lá está a Virgem, no seu lindo quadro azul. Ela nos abençoa, neste mês que lhe é consagrado. Lá está, mais abaixo uma gaiola; coitada! esvaziou-se. Felizmente! Seus passarinhos já saíram, fugiram da prisão. Ninguém sabe para onde foram; mas eu sei: Eles estão no coração da Virgem Santíssima. São 49 aves, que procuram vencer as tentações para chegarem lá em cima, no ninho mais puro que pode haver. Lá eles serão recebidos com maternal carinho pela Mãe mais bela que jamais existiu. Eles nos representam; nós, as Azuis de 1944, que queremos ser de Nossa Mãe Santíssima para todo o sempre.

Leila Venceslau — Ano de Admissão

Ascensão

Depressa! depressa! coleguinhas, venham ver a nossa classe como está bonita! Tapetes e flores por todos os lados. E no quadro negro um belo balão! Um balãozinho azul!

Reparem! que lindo sombreado, que linhas bem traçadas. Quem me dera poder entrar naquela barquinha!

Que dizem vocês desses 2 ramalhetes de flores que caem do balão? Dessas pétalas longas, alvas e finas? São tão sedosas essas corolas. São tão lindas com seus corações de ouro.

Que mãozinha de fada terá feito essa maravilha?

Ora, Não sabem? foi a mão de nosso anjo visível, a mão da Branquinha.

Maria de Lourdes M. Coimbra

Classe Azul Escuro — Ano de Admissão

NOSSA TERRA...

Abolição da Escravatura

«Deus, ó Deus, onde estás que não
[me respondes,
Em que mundo, em que estrela tu
[te escondes

Embuçado nos céus?

Há 2 mil anos te mandei meu grito
que embalde desde então corre o
[infinito

Onde estás, Senhor Deus?»

Assim falou a África pela ação ardente de Castro Alves, este sublime rebelde, arauto da liberdade dos negros. E Deus para responder a sua prece aflita dá a uma brasileira de incomparável valor o poder de quebrar grilhões, abrir algemas, perdendo — era infalível — embora, a coroa. Izabel, não temeu, não calculou, não cogitou vacilar ante o dever. Apegada aos princípios cristãos desde sua meninice, compenetrara-se mais tarde que Deus lhe pedia um grande gesto. Gesto que seria benção para o Brasil.

Mãe, esposa, filha, conservou-se sempre íntegra de caráter, aureolada das mais belas virtudes, mais tarde, pelo título glorioso de *Redentora*, título que entrou no coração do Brasil e da história, ela havia de pôr em jogo o trono, e as outras glórias todas que lhe poderiam vir. Do alto da sua majestosa simplicidade, ela olhava a terra que-rida, os escravos que aqui sofriam... e não pôde ficar indiferente ante tanto sofrimento da gente negra, ante tanto barbarismo, tanta crueldade, tanta deshumanidade. A seus pés jazia um rebanho explorado pela ganância dos homens. Vinha de há muito, no Brasil, este vestígio do paganismo, a infâmia de escravizar uma raça mais fraca. Essa infâmia, por longos séculos negrejou nossa história, embruteceu o coração dos nossos antepassados, tornando-os mais feras que homens.

A escravidão foi abolida mas seu vestígio há de permanecer, como mancha indelevel, por todo o sempre, na Terra de Santa Cruz.

«Oh! mar porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei dos mares, tufão.»

Sim, o mar é imortal testemunha das atrocidades dos homens. O navio negro cortava águas e águas, vencendo distâncias, para ir buscar inocentes, criaturas das maldições da sua terra, pobres a quem se negava o bálsamo de uma lágrima.

E Castro Alves repete :

«Inda não baste a dôr, ó Deus ter-

[rível

*Ê, pois teu peito, eterno e inexaurível
De vingança e rancor ?*

*E que fiz eu, Senhor? Que torvo crime
Cometi eu jamais, que assim me o-*

[prime

O teu gladio vingador?

Terra desventurada, que fez ela? A qual país escravizou? A que crianças, velhos ou moços ela impôs o jugo da tirania? A nenhum! Os seus sertões foram explorados por estrangeiros que de lá tiraram tôdas as riquezas, gabando-se de seus feitos. Da Africa veio gente para o plantio, para a colheita, em paga... o açoite. Só as soalheiras candentes eram o testemunho da sinistra prece de gemidos, e à noite, baixinho segredavam aos nossos ouvidos tristezas... Terra africana, a predestinada nos designios de Deus para o sofrimento, o martírio! Lá do coração da terra arrancaram sem piedade os seus filhos, exilando-os para país distante, longínquo; país sonhado por tôdos os homens estrangeiros, como sendo um paraíso na terra, como sendo o ninho da felicidade; país que, no entretanto, seria para a Africa um monstro, a prisão, o cativoiro! Para homens livres o Brasil era lindo porque linda era a liberdade destes. Mas para o escravo, o Brasil era o espectro horrendo dos seus sonhos, do seu cismar, da sua vida.

E a escravidão era total. O negro não tinha senão deveres rudes a cumprir. A cada instante estalava o açoite. Uma falta, por menor... não obtinha o perdão, ele não tinha alma, nem coração tinha! Enlançavam-no como um cão em um solar qualquer entre muros frios... e nêle despejavam todo o furor, se perversos eram. Pobre gente! Era humana como nós, tinha nossa mesma sensibilidade. Ah! quantas vezes o velhinho olhando à porfia os limites do horizonte, calado, deixava que duas lágrimas rolassem-lhe pelas faces, num arroubo de dôr.

Era então o grito nostálgico que a-
quele peito exprimia :

*«Senhor Deus dos desgraçados
Dizei-me Vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus?*

O vate da abolição não cansou e não esmoreceu de cantar o sofrimento dos africanos. Deus tarda mas chega... e a 13 de Maio de 1888 a Princesa sorri esperando a hora sagrada em que sua sensibilidade de mulher possa espargir as ondas de sua ternura. Cumpriu-se esse dia o maior desejo de D. Isabel como mulher, como Soberana, mãe, brasileira e cristã. 13 de Maio personifica o grande estadista Joaquim Nabuco, Visconde do Rio Branco, Castro Alves e toda a família Imperial. Cada um concorreu para a abolição, cada um vibrou e auxiliou a grande Princesa. Na voz alegre e tangida dos sinos pelos anos em fóra ouvimos a voz desses patriotas augustos. Ouvimos ainda as palavras de D. Isabel despedindo-se daqui: *«Se tudo o que acontece provém do decreto que aqui assinei, não me arrependo um só momento. Ainda hoje o assinaria»*. Ato nobre, coração assás grande, grande como o fora o seu sacrifício. Exilou-se voluntariamente do Brasil deixando aqui os fantasmas queridos de sua infancia, adolescência e mocidade. A 15 de Novembro de 1889 desterrava-se do Brasil que sempre amara, amava e amaria eternamente. Iria sofrer bem longe o martírio da saudade e consolar sua velha mãe já arcada ao peso dos anos, e consolar o ancião de olhos tristes e cismadores que se perdia várias vezes em um mundo que ficava além dos oceanos! D. Isabel com suas lágrimas lembrava-se do seu Brasil de suas ingratidões. Em suas preces lembrava-se do seu Brasil querido que a fizera feliz e que fóra tudo em seu viver. Com seu pensamento entre seus filhos viveu até que a morte os separasse! Nos repiques festivos dos sinos a 13 de Maio, as 600 mil criaturas libertadas pelo seu amor veem festejá-la em delírios!...

Mariângela Capistrano

A Redação agradece a todas as colegas que colaboraram neste primeiro número de nosso jornalzinho, e conta com a mesma boa vontade de todas para nossas edições futuras.